

Composição de raízes de mandioca em três épocas de colheita

Antonio Uilian Rebouças Fiuza¹; Luciana Alves de Oliveira²; Hannah Miranda Santana³; Vanderlei da Silva Santos²; Eder Jorge de Oliveira²

¹Estudante de Agroecologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; ²Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura. ³Estudante de Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mails: willian_aw@hotmail.com, luciana@cnpmf.embrapa.br, hana_santana@hotmail.com; vanderlei.silva-santos@embrapa.br; eder.oliveira@embrapa.br

A cultura da mandioca é de grande relevância socioeconômica para o Brasil, apresentando as características de facilidade de cultivo e resistência a doenças e a variações climáticas. Com a raiz da mandioca pode-se preparar vários tipos de alimentos, sendo o teor de compostos cianogênicos um dos fatores que definem a finalidade de uso, classificando as variedades em “mansas” e “bravas”. Assim, o presente trabalho teve como objetivo avaliar o teor de compostos cianogênicos e matéria seca em nove híbridos (0315, 0437, 0953, 1411, 1692, 1275, 100-04, 111-08 e 8929) e na variedade comercial Eucalipto, em três épocas de colheita. As raízes foram colhidas nos campos experimentais da Embrapa Mandioca e Fruticultura com duas repetições no campo, em três períodos distintos com sete, dez e onze meses. A determinação dos compostos cianogênicos ocorreu com a extração dos mesmos, seguida pela reação com cloramina T e isonicotinato / 1,3-dimetil barbiturato e determinação por espectrofotometria a 605 nm. Para a liberação do cianeto glicosídico, utilizou-se a enzima linamarase, extraída da folha da mandioca. A análise de umidade foi realizada em estufa de circulação de ar a 70 °C, por 72 horas. O teor de compostos cianogênicos observado foi de $9,2 \pm 1,5 \mu\text{g}$ de HCN g^{-1} de raiz fresca (14-11) a $106,0 \pm 14,2 \mu\text{g}$ de HCN g^{-1} (100-04) no sétimo mês, de $13,1 \pm 0,1 \mu\text{g}$ g^{-1} (14-11) a $109,2 \pm 2,3 \mu\text{g}$ de HCN g^{-1} (12-75) no décimo mês e de $4,3 \pm 2,0 \mu\text{g}$ g^{-1} (14-11) a $145,1 \pm 18,0 \mu\text{g}$ de HCN g^{-1} (12-75) no décimo primeiro mês. A concentração desses compostos não alterou do sétimo para o décimo mês para a variedade Eucalipto e sete híbridos (03-15, 04-37, 09-53, 12-75, 100-04, 111-08 e 89-29). Os híbridos 03-15, 04-37, 14-11, 16-92 e a variedade Eucalipto apresentaram teores de compostos cianogênicos abaixo de $40 \mu\text{g}$ de HCN g^{-1} nas três idades avaliadas. Nos híbridos 12-75 e 89-29, a concentração desses compostos foi maior do que $100 \mu\text{g}$ de HCN g^{-1} nos três períodos de colheita. Os híbridos 09-53, 12-75 e 11-08 aumentaram a concentração de compostos cianogênicos do décimo para o décimo primeiro mês. A quantidade de matéria seca observada foi de $27,9 \pm 0,2\%$ (111-08) a $40,3 \pm 1,6\%$ (Eucalipto) com sete meses, $33,9 \pm 2,4\%$ (111-08) a $44,7 \pm 0,3\%$ (Eucalipto) com dez meses e $34,0 \pm 3,5\%$ (111-08) a $45,0 \pm 1,8\%$ (Eucalipto) aos 11 meses. Em todas as amostras avaliadas, o teor de matéria seca aumentou do sétimo para o décimo mês, com exceção do híbrido 100-04, que não apresentou alteração. A variedade Eucalipto apresentou os teores de matéria seca mais elevados nas três idades, enquanto o híbrido 111-08 apresentou os menores.

Palavras-chave: *Manihot esculenta* Crantz; compostos cianogênicos; matéria seca.